

RELATÓRIO



**FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A
POPULAÇÃO AUTODECLARADA
TRANS NO BRASIL**



RELATÓRIO

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

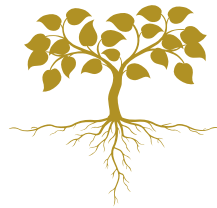
Copyright © 2024 por MATRIA - Mulheres Associadas, Mães e
Trabalhadoras do Brasil

Todos os direitos reservados. O presente conteúdo pode ser compartilhado com
créditos e não deve ser usado para fins comerciais.



FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

Relatório realizado por:



MATRIA

MULHERES ASSOCIADAS
mães e trabalhadoras do Brasil

matria@associacaomatria.com

www.associacaomatria.com

@matria_mulheresassociadas

INTRODUÇÃO

05

PARTE 1

"O Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo"

08

PARTE 2

"A expectativa de vida de pessoas trans é de 35 anos"

20

CONCLUSÃO

29

NOTAS DE RODAPÉ

32

ANEXOS

41

Nos últimos anos, temos observado como dois dados falsos têm sido amplamente utilizados por órgãos oficiais como embasamento de políticas públicas e decisões judiciais de suma relevância para o ordenamento jurídico do país. O primeiro deles afirma que "o Brasil é o país que mais mata pessoas trans" e o segundo atesta que "a expectativa de vida de pessoas trans é de 35 anos (ou menos)". Ambas as informações são repercutidas em veículos midiáticos de grande alcance sem conferência ou checagem.

Como veremos ao longo deste texto, tais dados são falsos pois:

- » A maioria dos países não fornece dados de assassinatos de pessoas autodeclaradas trans, portanto, qualquer comparação com o Brasil se torna impossível;
- » Não há dados oficiais governamentais sobre a população autodeclarada trans;
- » A utilização do número absoluto de assassinatos relatados pela mídia não tem significado algum enquanto indicador de violência, que sempre deve levar em conta a população total do país em questão;
- » Não existe dado de expectativa de vida ao nascimento para pessoas autodeclaradas trans, pois o indicador só pode existir para características passíveis de serem acompanhadas do nascimento à morte;
- » Foram utilizadas referências circulares em busca de legitimar uma informação para a qual não há fonte;
- » O modelo de alteração de registro civil conquistado pelo transativismo, bem como as alterações que pleiteiam nas pesquisas do IBGE, não

são de molde a fornecer dados que possam de fato refletir a situação da parcela da população que se autodeclara trans.

Políticas públicas capazes de endereçar problemas sociais urgentes devem ser baseadas em dados consistentes, verificáveis e devidamente contextualizados. Normalmente, os dados auxiliam a sociedade a ter uma melhor compreensão da dimensão e especificidades de um determinado problema, servindo, também, para que legisladores e outras instâncias de poder tomem decisões assertivas para saná-lo. Dessa forma, a utilização de dados falsos e estatísticas inexistentes para embasar decisões políticas deve ser vista com extrema preocupação por parte da sociedade, sobretudo porque todos sofrem as consequências dessa conduta.

A título de exemplo da gravidade da repetição acrítica de afirmações falsas acerca da realidade da comunidade de pessoas autodeclaradas trans, mencionamos o voto do Ministro Ricardo Lewandowski (ANEXO 1), do Supremo Tribunal Federal, na Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26 (ANEXO 2, PÁG.16), que decidiu pela equiparação da homotransfobia ao crime de racismo, e que traz como parte de sua argumentação o que segue):

Uma forma de resumir a violência homofóbica e transfóbica é perquirir sobre a expectativa de vida da pessoa trans. Do sítio eletrônico do Senado Federal¹ extraio essa informação: apenas 35 anos, metade da média nacional.

Por hora, deixemos de lado a questão de qual seria a definição de "pessoa trans", termo guarda-chuva que pode incluir qualquer um que assim se autodeclare, a qualquer momento e por qualquer motivo. Caso o contexto deste grupo fosse, de fato, de tamanha vulnerabilidade, seria em alguma medida compreensível que a ele fossem dirigidas medidas estatais urgentes para combater a situação, ainda que em detrimento de outros grupos também vulneráveis – dado o contexto alarmante. No en-

tanto, ambas as afirmações embasando decisões políticas para suposta proteção de pessoas autodeclaradas trans são, como será detalhado no presente documento, demonstravelmente falsas.

O desinteresse de ativistas e jornalistas por dados fidedignos, a despeito da fragilidade das fontes primárias utilizadas e inconsistência metodológica de análise de dados, chama atenção, sobretudo porque há desmentidos públicos acessíveis por meio de uma busca simples no Google². Isso nos leva a crer que a repetição *ad nauseam* desses dados falsos, que se tornaram frases de efeito, tem por objetivo, única e exclusivamente, um apelo emocional que crie o clima favorável às mudanças desejadas por grupos transativistas sem o devido debate democrático e público, ou o correto sopesar dos demais interesses envolvidos em qualquer mudança de arranjos sociais, políticas públicas ou leis. Por outro lado, o cenário de extrema vulnerabilidade que, como será demonstrado na presente argumentação, não corresponde à realidade, gera medo e apreensão desnecessários para as próprias pessoas autodeclaradas trans, sobretudo jovens.

PARTE 1

"O Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo"

A afirmação acima se tornou onipresente no debate nacional, sendo citada na mídia por pessoas públicas e governantes e em redes sociais, o que pode dar a entender que ela é, necessariamente, confiável. No entanto, as fontes mais utilizadas como embasamento costumam ser duas: o site internacional *Transrespect versus Transphobia* (na seção *Trans Murder Monitoring*), indicado como referência mundial no tema, e o dossiê anual elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), que já na introdução da versão de 2022 afirma que: "o Brasil figura como o país que mais assassinou pessoas trans pelo 14º ano consecutivo" (ANEXO 3, PÁG. 6). Esse fenômeno, em que uma informação aparentemente com várias fontes tem, em última instância, apenas uma, é chamado de "reportagem circular", e pode ser uma forma proposital de criar desinformação³.

FONTE 1: TRANS MURDER MONITORING⁴ (TMM)

O TMM é um site de internet que se propõe a monitorar a violência contra autodeclaradas trans em todo o mundo. Ele apresenta, no entanto, graves problemas de metodologia, que comprometem a utilização de seus relatórios como fonte descritiva do fenômeno: irregularidade no fornecimento de dados por parte dos países, ausência de indicação das fontes oficiais dos dados para conferência e utilização de metodologia de cálculo inadequada. Abaixo, detalha-se cada um deles.

IRREGULARIDADE NO FORNECIMENTO DE DADOS

Os dados apresentados pelo site não têm fonte oficial, sendo informados por instituições não-governamentais que se dedicam a coletá-los. Entre todos os países, apenas organizações brasileiras não-governamentais forneceram dados anuais de forma consistente desde sua criação, em 2009, havendo irregularidade no fornecimento de informações de todos os outros países. Além disso, as informações acerca dos homicídios brasileiros são enviadas por quatro instituições distintas, enquanto nos demais países para os quais há dados as informações são fornecidas por apenas uma instituição colaboradora. Em suma, existem 193 países no mundo e apenas 33 instituições de 29 países enviam dados para o TMM. Dos sete países com populações iguais ou equivalentes ao Brasil, apenas a China possui uma instituição que contribui com dados. Os países onde ser homossexual ainda é crime não fornecem dados ou os fornecem de forma irregular – Rússia, Cingapura, Quênia, Líbia, Nigéria, entre outros. O mesmo é válido para diversos países da Europa que também não fornecem dados, ou os fornecem também de forma irregular.

O TMM informa que a ausência de dados oficiais sobre pessoas autodeclaradas trans obriga a utilização de jornais e outros meios, como mídias sociais, como fonte primária do relatório. Além da dificuldade de verificar tais fontes, que será abordada a seguir, deve-se considerar o controle rígido sobre a internet e a imprensa em determinados países como parte da fragilidade metodológica do TMM: para a China, cuja população é cinco vezes maior do que a brasileira, consta apenas uma morte em 2022 e um total de dezesseis mortes em todo o período de existência do site.

AUSÊNCIA DE FONTES CONFIÁVEIS PARA CONFERÊNCIA

Como relatado acima, as informações utilizadas pelo site e suas organizações parceiras são obtidas através de notícias de internet, o que dificulta a conferência das informações por pesquisadores interessados e o

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

acompanhamento posterior dos casos – muitas vezes ainda com investigação policial em curso no momento em que são informados ao TMM. Para um grande número de mortes contabilizadas não há sequer o nome da vítima, apenas notícias relatando uma “morte de transgênero”, não sendo possível conferir, de nenhuma forma, a veracidade da informação ou mesmo se a identidade autodeclarada da vítima foi uma inferência do jornalista, podendo estar equivocada.. Em uma série de outros casos, o nome citado não é o que consta no registro civil da vítima, sendo praticamente impossível tentar localizar a resolução judicial do crime.

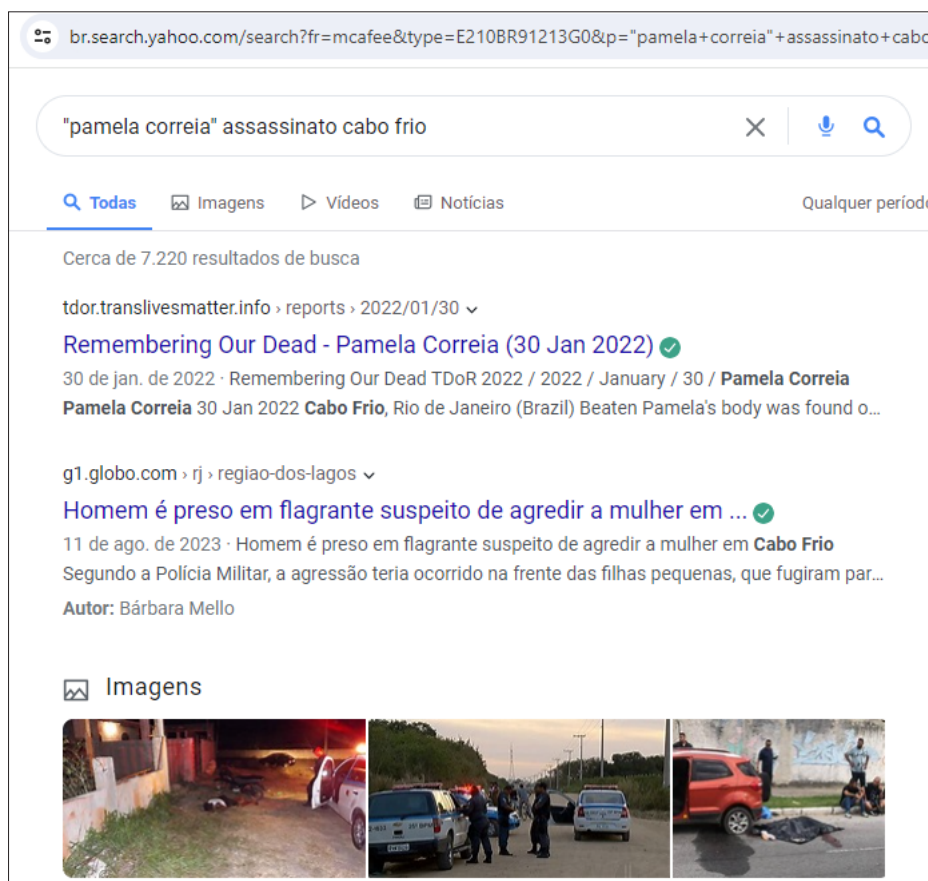


IMAGEM 1: Pesquisa no Google traz como primeiro resultado informação falsa sobre o assassinato de Pamela Correia. Pesquisa feita em 20/01/2024.

Ilustrativo é o caso de Pamela Correia, cujo nome consta na página 95 da lista de mortos de 2022 (ANEXO 4). O assassinato de Pamela foi noticiado pela mídia como ocorrido em Cabo Frio (RJ) em 30/01/2022⁵. No en-

tanto, após investigações, a polícia concluiu, conforme reportagem de 03/02/2022⁶, que o corpo encontrado foi o de um homem chamado Valcilan Braga Correia. Tanto a polícia quanto a comunidade LGBT da região confirmaram que o corpo não era de Pamela “Peppa” Correia, ou de qualquer outra pessoa autodeclarada transgênero ou travesti. Apesar dessa segunda notícia ter sido publicada apenas dois dias após a primeira, possivelmente antes das organizações Rede Trans Brasil, Observatório Trans e Projeto Travessia terem encaminhado a listagem de assassinatos de 2022 para o site e certamente antes da publicação do documento no TMM, o nome Pamela Correia ainda consta do site como o de um assassinato de pessoa autodeclarada trans a ser lembrado. Inclusive, uma busca na internet por "pamela correa assassinato cabo frio" tem como primeiro resultado o site TMM (e não a reportagem apontando o equívoco). (IMAGEM 1)

METODOLOGIA DE CÁLCULO INADEQUADA

O principal problema do TMM, no entanto, é a metodologia utilizada. Para a avaliação de um fenômeno da violência não se faz uso de dados absolutos. Para qualquer análise sobre dimensão de violência, a população do espaço geográfico em questão deve sempre ser considerada. Apesar de ser um erro metodológico comparar diretamente um país com 10 milhões de habitantes com um de 200 milhões, é dessa maneira que o *Trans Murder Monitoring* chega nos dados que repercute. Homicídios devem ser calculados por 100.000 habitantes, da seguinte forma:

$$\frac{\text{Nº DE MORTES VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS} \times 100.000}{\text{POPULAÇÃO TOTAL RESIDENTE}}$$

Fonte: Centro de Estudos da Metrópole (CEM), Universidade de São Paulo (USP).
Disponível em: <https://centrodametropole.fflch.usp.br/>

Apesar de todas as dificuldades relatadas quanto ao dados, consideremos que os dados apresentados no mapa com informações de 2022 (últi-

mo ano com informações completas) sejam verdadeiros: seriam 102 mortes de pessoas consideradas trans no Brasil⁷. Dado que nosso país, de acordo com o Censo do IBGE de 2022, possui uma população de 203.080.756 de pessoas, a taxa de mortalidade desta categoria seria de 0,05/100 mil habitantes. O México, país listado com 70 mortes no mesmo site e período e que possuía, em 2022, 127.504.125 habitantes⁸, teria uma taxa de mortes de 0,055 por 100 mil/habitantes. Portanto, segundo as informações do próprio *Trans Murder Monitoring*, considerado referência mundial sobre o tema, não seria o Brasil o país que mais mata pessoas autodeclaradas trans no mundo, mas sim o México. A título de comparação, número de feminicídios no Brasil em 2022, ou seja, não apenas de mortes de mulheres ou assassinatos intencionais de mulheres (números obviamente ainda maiores), mas de assassinatos intencionais por ódio a pessoas do sexo feminino, foi de 1.437 (ANEXO 5), sendo portanto de 0,7/100.000 habitantes.

Novamente, sem entrar na seara da dificuldade de saber como a pessoa falecida se autodeclararia, e partindo unicamente das informações disponíveis no TMM, observamos que as listas de nomes encontradas no site e os links das manchetes de jornais que os acompanham trazem ainda outro problema em relação ao tipo de caso considerado. Quando é noticiado pelos jornais ou, ainda mais grave, por membros ou sites do governo, que “o Brasil é o país que mais mata pessoas trans”, dá-se a entender que tais pessoas foram assassinadas não apenas de forma intencional, mas por se autodeclararem trans, ou seja, que os números mencionados (números que trazem todos os problemas acima relatados) seriam todos de crimes de ódio. No entanto, os relatos jornalísticos que acompanham as listas de nomes contabilizados pelo site (ANEXO 4) revelam outras motivações.

Na maioria dos casos, não é possível afirmar a motivação do crime e, em diversos deles, a violência se dá entre parceiros íntimos⁹, familiares¹⁰, possível participação em tráfico de drogas¹¹, briga entre grupos criminosos¹², etc. Nenhuma dessas motivações pode ser automaticamente considerada de ódio.

Cabe apontar, ainda, que, para resultados fidedignos, devem ser contabilizadas apenas mortes violentas letais intencionais. Conforme lista de nomes de pessoas cuja morte foi contabilizada no site do TMM, há diversos casos para os quais não é possível afirmar que a morte tenha sido causada de forma intencional. Na lista dos nomes a partir de outubro de 2022, que relata 25 mortes no Brasil até dezembro do mesmo ano, há pelo menos um caso que, pelas próprias notícias relatadas no site, não poderia naquele momento ser classificado como morte intencional, posto ser um atropelamento ainda em investigação pela polícia. Não foi possível encontrar nenhuma atualização sobre o caso, corroborando a dificuldade relatada no item acima (checagem dos fatos, atualização dos casos).

Integrantes da própria comunidade trans apontam para tais problemas após escrutínio das mortes relatadas no TMM. Uma análise no site norte-americano *Queer Majority*¹³, concluiu que, a partir dos dados publicados para 2019, parte das mortes indicadas no *Trans Murder Monitoring* sequer são assassinatos, mas sim mortes por causas naturais:

Eu precisava ver por mim mesmo o que estava acontecendo, então selecionei nomes aleatórios na lista de mortos e os procurei para saber mais sobre como eles morreram.

Muito pouco nos relatos sobre as suas mortes indicava motivações transfóbicas – ou qualquer motivação. Alguns casos eram vagos, com a transfobia como motivo plausível, enquanto outros pareciam não ter nada a ver com isso – mas ainda assim foram contados pelo TDOR [Trans Day Of Remembrance] como vítimas de violência anti-trans:

- » *Jacqueline Cowdrey, uma mulher trans que aparentemente foi assassinada em 2014. Não houve provas de como ela foi assassinada, nem de que ela foi assassinada por ser trans, nem mesmo de que ela foi assassinada;*
- » *Eli ou Ellie Washtock, morto em 2019, um detetive amador que apareceu morto enquanto investigava um misterioso assassinato;*

- » *Quatro mulheres trans profissionais do sexo mortas pela polícia no México em 2019; elas iriam testemunhar contra policiais por tráfico de pessoas;*
- » *Jordan Cofer, irmão do atirador de Dayton de 2019, Conor Betts, morto ao lado de oito pessoas [aparentemente] cisgênero no tiroteio em massa. Não se sabe se Betts realmente pretendia matar Cofer – e, aparentemente, o perfil de Betts no Twitter listou seus próprios pronomes (algo comumente feito por aliados da comunidade trans);*
- » *Johana Medina León, uma requerente de asilo salvadorenha que morreu em 2019 devido a negligência enquanto estava sob custódia do ICE;*
- » *Flávia Luiza, que em 2018 morreu em um avião do Brasil para a França devido a causas naturais.*

Claramente, exemplos de pessoas que não deveriam estar na lista. Dos assassinatos confirmados, a maioria tem motivos indeterminados; mas muitas vezes estão ligados ao trabalho sexual ou ao tráfico de drogas, e as mulheres negras constituem a maioria dos casos. Das 30 pessoas trans mortas nos EUA, não posso confirmar totalmente que nenhuma tenha sido motivada pela violência antitrans – embora pareça provável em situações como a de Paris Cameron, em que ela e dois homens gays foram baleados numa festa. Muitos são totalmente ambíguos, sem qualquer suspeita e sem motivação conhecida. Fiquei pensando, são apenas 30 nomes. O ano tem 365 dias e ninguém teria tempo para ler alguns artigos e descobrir se esses 30 nomes deveriam estar nesta lista?

Pareceu-me claro que a violência transfóbica não era o denominador mais comum entre os mortos.

FONTE 2: DOSSIÊ ANTRA¹⁴ (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais)

24/01/2024, 21:46 about:blank



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA

NÚMERO DE INSCRIÇÃO 04.475.712/0001-18 MATRIZ	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL	DATA DE ABERTURA 26/04/2001
NOME EMPRESARIAL ARTICULACAO NACIONAL DAS TRANSGENEROS - ANTRA		
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) ARTICULACAO NACIONAL DAS TRAVESTIS - ANTRA		PORTE DEMAIS
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL *****		
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS *****		
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 399-9 - Associação Privada		
LOGRADOURO *****	NÚMERO *****	COMPLEMENTO *****
CEP *****	BAIRRO/DISTRITO *****	MUNICÍPIO *****
UF *****		
ENDEREÇO ELETRÔNICO antrasg@hotmail.com		TELEFONE (41) 2223-999
ENTE FEDERATIVO RESPONSÁVEL (EFR) *****		
SITUAÇÃO CADASTRAL INAPTA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 10/10/2018
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL Omissão De Declarações		
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 2.119, de 06 de dezembro de 2022.

Emitido no dia **24/01/2024** às **21:44:33** (data e hora de Brasília). Página: 1/1

IMAGEM 2

Outra fonte frequentemente citada como suposto embasamento para a afirmação de que “o Brasil é o país que mais mata pessoas trans” é o Dossiê de assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras lançado anualmente pela ANTRA¹⁵. Logo na página inicial do site da Associação, é possível ler: "O país que mais assassina essas pessoas

no mundo. O número de assassinatos no Brasil é três vezes maior que o segundo colocado no mundo, México, com média de 50 mortes." A Associação, embora comumente considerada por mídia e governo como referência no tema, não está legalmente constituída enquanto Associação, pois está com seu cadastro inapto junto à Receita Federal desde 2018 por "omissão de declarações", conforme consulta em 24/01/2024.

Na página "Diretoria" de seu site são listados apenas três nomes e, em que pese a informação da página "Sobre" informar que "A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), é uma rede nacional que articula em todo o Brasil 127 instituições que desenvolvem ações para promoção da cidadania da população de Travestis e Transexuais", a página "Afiliadas" não traz um nome sequer (ANEXO 6).

Considerando tanto as informações acima quanto o que será relatado abaixo, não há elementos que permitem compreender quais as credenciais da organização para que suas declarações sejam propagadas da forma como o são atualmente ou, até mesmo, por que razão a ANTRA vem sendo tratada pelo atual Governo como principal referência, não apenas para assuntos relativos à população autodeclarada trans, mas igualmente para questões exclusivas das mulheres (ANEXO 7).

O relatório elaborado anualmente pela ANTRA apresenta os mesmos problemas metodológicos do site TMM, muitos deles reconhecidos no próprio documento (ANEXO 3):

1. Informações oficiais inexistentes (PÁG. 19);
2. Dados obtidos prioritariamente através de pesquisas na mídia (PÁG. 49);
3. Dificuldade de saber como as vítimas contabilizadas se autodeclaravam (PÁG. 23);
4. Impossibilidade de atestar a real motivação por trás dos crimes (PÁG. 23).

A despeito de a própria ANTRA reconhecer no dossiê a fragilidade das fontes utilizadas, a organização não só utiliza os dados de forma acrítica como

afirma que todas as mortes ali computadas são crimes de ódio, algo que não parece possível a partir de um levantamento feito em artigos de jornal não passíveis de checagem, visto que não há disponibilização das fontes utilizadas. Além disso, a maior parte das vítimas, como mostra o próprio Dossiê, são pessoas pobres e negras, população para a qual as estatísticas de morte violenta da população em geral são consideravelmente mais altas do que as reportadas para a população autodeclarada trans.

Outra problemática flagrante é não haver escrúpulo em relação à utilização, assim como no TMM, de números absolutos de mortes para fazer afirmações sobre a situação da violência no Brasil. Como já explicitado anteriormente, números absolutos não têm qualquer validade nesse caso, já que índices de violência precisam levar em consideração o tamanho da população de cada país que se quer submeter à comparação. Os números absolutos relatados pela ANTRA para a morte de pessoas autodeclaradas trans no Brasil, nos últimos anos, são: 131 em 2022; 140 em 2021; 175 em 2020; 124 em 2019; e 163 em 2018.

Nota-se que, para o ano de 2022, os números diferem dos expressos no site TMM. Para a ANTRA são 131 mortes; para o TMM, 102. Para o mesmo ano, o Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, da ABGTL (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos), por sua vez, traz outro dado divergente: 167 assassinatos (ANEXO 8). E o “Dossiê: Registro Nacional de Assassinatos e Violações de Direitos Humanos das Pessoas Trans no Brasil em 2022” (ANEXO 9) da Rede Trans (Rede Nacional de Pessoas Trans), colaboradora do Trans Murder Monitoring, chega ao número de 100 assassinatos para 2022. Essa inconsistência traz ainda mais confusão e insegurança para a acuracidade da informação. Nenhum dos três relatórios acima traz a listagem das pessoas autodeclaradas trans consideradas em seus levantamentos, sendo impossível portanto a checagem das informações divulgadas.

De forma recorrente, o Dossiê faz autorreferência a informações geradas pela própria ANTRA. Apenas na parte I do Dossiê, com afirmações

sobre assassinatos de pessoas autodeclaradas trans, há cinco citações ou destaques atribuídos a Benevides, ou Bruna Benevides, responsável pela articulação política da associação segundo consta no site oficial, sendo um deles um link para peça de opinião escrita na rede Medium¹⁶. Há ainda nove citações a Dossiês anteriores da ANTRA como fonte primária da informação e diversas notas de rodapé com links para matérias de sites que utilizam a própria ANTRA como referência. Por exemplo, a fonte para a afirmação que “travestis e mulheres trans são frequentemente recebidas muito mais como suspeitas do que como queixosas ou testemunhas” (PÁG. 48) é um artigo de internet que reporta única e exclusivamente acerca do Dossiê lançado pela ANTRA em janeiro de 2020¹⁷. Ou seja, a fonte primária reportada para tal afirmação no Dossiê de 2022 é o Dossiê de 2020 da mesma organização.

A comoção gerada pela afirmação constante de que “o Brasil é o país que mais mata transgêneros no mundo” cria na população em geral a ideia de que pessoas autodeclaradas trans estariam entre os grupos de maior vulnerabilidade do país. Vejamos então, ainda que superficialmente, como se compara a vulnerabilidade de tal população em relação à população brasileira em geral.

Não há dados oficiais sobre quantas pessoas no Brasil se autodeclararam trans ou travestis, sobretudo por se tratar de pessoas com identidades instáveis do ponto de vista jurídico, pois podem ser alteradas, com fundamento na simples autodeclaração, a qualquer momento. No entanto, um estudo da Faculdade de Medicina de Botucatu, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), publicado na Nature Scientific Reports em 2021, informa que 2% da população brasileira se autodeclararia trans¹⁸. Utilizando o número de 102 mortes fornecido pela TMM para 4.061.615,12¹⁹ de pessoas da população autodeclarada trans, chegamos a uma taxa de mortalidade por violência desta população de 2,51 mortes para cada 100 mil pessoas. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, a taxa de mortalidade violenta no Brasil da população em geral é de 23,4 mortes

por 100 mil habitantes (ANEXO 5, PÁG. 21). Mesmo que existam erros na contagem de mortes de pessoas autodeclaradas trans ou na estimativa da população controle de 2%, esse erro teria que ser superior em 800% para que a taxa de mortes violentas da população autodeclarada trans se equiparasse à taxa de mortes violentas da população geral no Brasil.

Por todo o exposto, não há base alguma para a tão popular afirmação de que o Brasil é o país que mais mata pessoas autodeclaradas trans. Cabe-nos indagar o motivo pelo qual tal afirmação sofre tão pouco escrutínio, sendo legitimada por importantes meios de comunicação do país, repetida por integrantes do governo e utilizada para implementação — sem debate público — de uma série de políticas públicas.

PARTE 2

"A expectativa de vida de pessoas trans é de 35 anos"

Também tem sido comum afirmar que “a expectativa de vida de pessoas trans é de 35 anos”. A fonte mais amplamente citada como origem deste dado é a ANTRA. A afirmação aparece desde o primeiro relatório anual da organização, "Mapa dos assassinatos de Travestis e Transsexuais no Brasil em 2017" (ANEXO 10, PÁG. 16), lançado em 2018:

As travestis e transexuais femininas constituem um grupo de alta vulnerabilidade à morte violenta e prematura no Brasil. Apesar de não haver estudos sistemáticos sobre a expectativa de vida das travestis e transexuais femininas, Antunes (2013) afirma que a expectativa de vida desta população seja de 35 anos de idade, enquanto a da população brasileira em geral, é de 74,9 anos (IBGE 2013).

Parágrafo idêntico pode ser encontrado na página 45; e, na página 49, há a seguinte afirmação, citando a mesma fonte:

As pessoas trans vitimadas por homicídios possuem uma média de vida de 27,9 anos de idade. Antunes (2013) aponta que a expectativa de vida da população trans no Brasil é de 35 anos e o coletivo Trans-revolução apresenta a estimativa de 30 anos. Estas últimas estimativas de expectativas de vida trans consideram outros fatores além da violência letal, como a mortalidade por complicações do HIV e por procedimentos de transformação corporal sem adequado atendimento (sic) médico.

Já na página 85 do mesmo dossiê, a afirmação aparece sem fonte alguma:

O Brasil amarga o terrível ranking de país que mais mata por motivos de ódio homotransfóbico (sic), com quase a metade das notificações de todo o mundo, ainda que esses casos sejam subnotificados, dado o despreparo da estrutura policial para a classificação correta de tal motivação nos registros de ocorrência e inquéritos policiais. E as mortes devido a esse preconceito não param por aí: as chances de um(a) adolescente homossexual cometer suicídio são cinco vezes maior que um heterossexual, o que se verifica também para travestis, mulheres transexuais e homens trans, cuja expectativa média de vida (de travestis e transexuais) é de apenas 35 anos (enquanto a média nacional é de 75 anos).

Na bibliografia, encontramos a referência a "Antunes, Pedro Paulo Sammarco. 2013. Travestis envelhecem? São Paulo: Annablume". Tal fonte, porém, não foi localizada, embora haja outras referências a ela em sites de internet. Encontramos, no entanto, dissertação de mestrado, de 2010, com mesmo título e autor, e livro publicado pela mesma editora, porém em 2022, indicando ser 1ª edição (ANEXO 11).

Uma reportagem de 2021, do Guia Gay São Paulo²⁰, buscou entender a origem do dado de expectativa de vida de 35 anos para transsexuais e travestis e, para isso, entrevistou Pedro Paulo Sammarco Antunes, única fonte utilizada no dossiê pela ANTRA como fonte da afirmação. O pesquisador da área de psicologia clínica, com ênfase em sexualidade humana e envelhecimento, declara:

O que há no meu livro é entrevista com Keila Simpson, que fala algo por volta daquele número. O correto seria não me citar como fonte direta ou dizer que eu afirmo, mas sim falar que o dado é fornecido por ela em entrevista para meu estudo, o qual se tornou livro.

Seu livro traz um estudo qualitativo, um ensaio baseado em revisão bibliográfica sobre o assunto, entrecortado com entrevistas com três

travestis em vários estágios, justamente, de envelhecimento. Ademais, Keila Simpson preside a ANTRA. Ou seja, trata-se novamente de uma referência circular, na qual membro da ANTRA menciona uma informação sem embasamento em entrevista e uma vez a entrevista publicada, passa a citar o livro como fonte da informação.

Em entrevista dada ao podcast The Punch²¹, Sayonara Nogueira, cujo perfil de Instagram informa ocupar cargo na Secretaria de Comunicação da Rede Trans, diz que a afirmação de que “a expectativa de pessoas trans é de 35 anos” teria se originado a partir de informação constante no primeiro Dossiê publicado em 2017 pela Rede Trans, “A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans”²². O dado teria sido copiado, e a fonte suprimida, pela por outra organização cujo nome não é mencionado na entrevista. No documento, há dois trechos que, de fato, citam a idade de 35 anos como expectativa de vida de pessoas autodeclaradas trans. O primeiro deles, na página 24, afirma: "Ainda hoje, num país em que a expectativa de vida de uma travesti ou mulher transexual é de 35 anos, chegar aos 60 é um privilégio de poucas". Novamente, na página 59, a organização afirma:

De acordo com pesquisa do IBGE de 2013, a expectativa de vida desse grupo social não passa dos 35 anos, menos da metade da média nacional de 74,9 anos da população em geral. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos denunciou também que a expectativa de vida das pessoas transexuais na América Latina é de 35 anos.

A pesquisa do IBGE de 2013 citada é desconhecida pelo próprio IBGE. Ao procurar o órgão para confirmação do dado, o Guia Gay São Paulo recebeu como retorno que este não possui dados sobre a população trans. Em seu perfil de Instagram, Sayonara criou, em 02/07/2023, um “destaque” sobre o tema conforme demonstra as capturas de tela abaixo²³ (ANEXO 12):

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

A REDE TRANS BRASIL FOI A PRIMEIRA INSTITUIÇÃO NO PAÍS A FAZER O MONITORAMENTO DE ASSASSINATOS E VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS TRANS EM 2016.

ANTES DA REDE TRANS BRASIL OUTRAS INSTITUIÇÕES JÁ FAZIAM O MESMO MONITORAMENTO COM O RECORTE LGBT.

NOSSO PRIMEIRO DOSSIÊ PUBLICADO EM 2017, FOI DENOMINADO "A GEOGRAFIA DOS CORPOS TRANS" E A PARTIR DESTA TRABALHO.

FOMOS A INSTITUIÇÃO PARCERIA POR ALIMENTAR OS DADOS DO PROJETO TRANSRESPECT VERSUS TRANSPHOBIA.

INCLUSIVE NO PRIMEIRO DOSSIÊ TAMBÉM AFIRMAMOS QUE A EXPECTATIVA DE VIDA ERA 35 ANOS.

A PARTIR DE DIFERENTES LEITURAS FOMOS AMADURECENDO ESTA IDEIA E PERCEBENDO O QUÃO ERA PERIGOSA ESTA AFIRMAÇÃO.

OUTRAS INSTITUIÇÕES TAMBÉM INICIARAM O MESMO TRABALHO E AO MESMO TEMPO UM MOVIMENTO DE INVISIBILIZAÇÃO E APAGAMENTO DO TRABALHO DO TRABALHO DA REDE TRANS BRASIL.

TRABALHOS ESTES QUE PODEM SER CONFERIDOS NOS LINKS ABAIXO:

[OBSERVATORIOTRANS.ORG](https://observatoriotrans.org)

[@redetransbrasil](https://twitter.com/redetransbrasil)

DOSSIÊ
A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO: DOS ASSASSINATOS A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DA POPULAÇÃO TRANS DO BRASIL
Sayonara Nalder Bonfim Maguiera
Tathiane Araújo Araújo
Euclides Afonso Cabral
BRASIL 2018

Em contraposição, a média aproximada de idade de pessoas trans vítimas de homicídios que é cerca de 35 anos, conforme os assassinatos notificados pela Rede Trans Brasil em 2022. Ou seja, mais da metade das vítimas tinham menos de 35 anos de idade. Esclarecemos aqui, não se tratar de uma expectativa de vida, mas de uma média da idade das pessoas trans vitimadas, dentro do recorte do presente dossiê.

Segundo Garcia (2019), a produção de uma estatística de expectativa de vida é um trabalho muito complexo. Para realizar esse trabalho, é necessária a realização do Censo Demográfico decenal conforme previsto em lei, o uso dos registros civis de óbitos dos cartórios do país e do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde. A realização do cálculo, assim como a operação do Censo, é conferida ao órgão oficial de estatística do país, o IBGE. Este, por sua vez, usa a metodologia internacional para realizar o cálculo e ajustes necessários [21].

Para calcular uma suposta expectativa de vida da população trans, é necessário ter indicadores de condição transsexual no Censo, nas certidões de nascimento, óbito e no sistema do Ministério da Saúde. Entretanto, não há existência destes indicadores, deste modo, não se sabe o tamanho da população trans, e nem o número de óbitos total dessa população, pois não há qualquer indicativo nesse sentido (GARCIA, 2019) [22].

Araújo e Nogueira (2022) reconhecem a necessidade da inclusão da identidade de gênero e orientação sexual no Censo, pois, para que exista a promoção de políticas públicas para a comunidade LGBTQIA+, torna-se necessária a elaboração de diagnósticos baseados em números [23]. Assim sendo, os dados oficiais não existem, competindo às organizações da sociedade civil contar as mortes para reivindicar a vida.

A MÉDIA APROXIMADA DE IDADE DE PESSOAS TRANS VÍTIMAS DE HOMICÍDIOS QUE É CERCA DE 35 ANOS, CONFORME OS ASSASSINATOS NOTIFICADOS PELA REDE TRANS BRASIL EM 2022.

ESCLARECEMOS AQUI, NÃO SE TRATAR DE UMA EXPECTATIVA DE VIDA, MAS DE UMA MÉDIA DA IDADE DAS PESSOAS TRANS VITIMADAS, DENTRO DO RECORTE DO PRESENTE DOSSIÊ.

IMAGEM 3

Ou seja, a informação falsa de que “a expectativa de vida de pessoas trans é de 35 anos” na verdade teria se originado da constatação de que as pessoas cujos assassinatos foram levantados no Dossiê da Rede Trans, ao morrer, tinham idade média de 35 anos. Para além de tudo o que já foi dito

em relação ao levantamento de mortes em si ser falho, a média de idade dos assassinados é completamente diferente de um índice de expectativa de vida.

Essa confusão de conceitos está presente em toda parte. Segundo artigo traduzido pela WDI Brasil²⁴, 35 anos não seria sequer a média de idade das pessoas assassinadas. O artigo aponta que já em 2013 a Organização dos Estados Americanos (OEA) apresentava a seguinte afirmação:

*“Através do Registro de Violência, a Comissão notou que 80% das mulheres trans mortas nas Américas tinham 35 anos ou menos. Isso coincide com a informação recebida pela Comissão da sociedade civil, de que a expectativa de vida de mulheres trans na América Latina é de 35 anos, significando que muitas morrem assassinadas.”*²⁵ (TRADUÇÃO NOSSA)

Não há fonte para a “informação recebida” via sociedade civil. A coincidência entre a data de publicação do livro, que é a suposta fonte da ANTRA, e a afirmação acima da OEA é, no entanto, digna de nota.

Quando se menciona “expectativa de vida”, em geral está-se considerando o conceito de expectativa de vida ao nascimento, ou esperança de vida ao nascer²⁶, que é utilizado no mundo inteiro como um indicador de qualidade de vida e, por sua metodologia de cálculo, acompanha características presentes desde o nascimento, como sexo ou local de nascimento, o que evidentemente não se aplica a uma característica como a autodeclaração de gênero, que não está presente ao nascimento e é passível de alteração diversas vezes ao longo da vida, possibilidade que até mesmo o judiciário reconhece em suas decisões²⁷. Para o cálculo do indicador, é preciso ter informações sobre a população ao nascer, ao morrer, mas também ao longo da vida, através do Censo do IBGE e do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, sendo este acompanhamento especialmente importante para o cálculo de “expectativa de vida após X anos” ou da

expectativa de vida de profissões de risco, por exemplo, bem como outras características que, ao longo da vida, poderiam afetar a expectativa de vida ao nascer, como grupos transativistas dizem ser o caso após uma autodeclaração de identidade trans.

Ou seja, temos aqui duas questões: sendo impossível saber se uma pessoa irá um dia se autodeclarar trans e considerando ser algo passível de mais de uma mudança ao longo do tempo, não há um índice de esperança de vida ao nascimento para essa população. Além disso e talvez ainda mais grave, as mesmas organizações que demonstramos terem fabricado afirmações sobre uma suposta expectativa de vida para pessoas autodeclaradas trans têm pressionado o sistema judiciário e o governo com demandas que inviabilizam completamente a existência de um indicador de expectativa de vida após as pessoas de autodeclararem trans. Para que isso fosse possível, conforme visto acima, seria necessário um “marcador da autodeclaração” no Censo e em todos os sistemas do governo, em especial no SIM, sem que o sexo das pessoas fosse apagado. No entanto, o que foi reivindicado e acatado pelo STF foi a alteração do marcador imutável “sexo” em toda a documentação de quem se autodeclara trans, atingindo inclusive retroativamente a Certidão de Nascimento. Tal modelo oculta a realidade não apenas a respeito do tamanho da população que se autodeclara trans, mas também de suas condições de vida (e de morte). Mesmo sem a alteração oficial de documentos, a pedido de grupos transativistas, o governo tem aceitado que cada pessoa se apresente a órgãos oficiais com o chamado “nome social”, um nome que não consta em nenhum registro civil. Ou seja, parte da dificuldade de realizar estudos sérios sobre violência contra pessoas autodeclaradas trans e sua expectativa de vida se resolveria caso os grupos que supostamente representam seus interesses não tivessem lutado para apagar a realidade sexuada de seus corpos em documentos, registros civis e sistemas oficiais²⁸, mas sim para acrescentar a informação relativa a sua autodeclaração.

Caso as demandas feitas por grupos de interesse transativistas para as próximas pesquisas do IBGE, que obtivemos através da Lei do Acesso à Informação (LAI), sejam acatadas pelo Instituto, o futuro não parece reservar melhores condições para a produção de estatísticas sobre o tema. A esse respeito, e a partir das conclusões do Grupo de Trabalho sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, também obtidas via LAI, a MATRIA encaminhou Ofício ao IBGE e em seguida se reuniu com servidores do órgão, apresentando uma outra perspectiva. Não haver dados sobre o tema, e a importância de passar a tê-los, não pode ser motivo para acatar demandas despropositadas que prejudicarão, inclusive, dados importantes sobre o restante da população brasileira (CF. OFÍCIO JÁ CITADO - ANEXO 13).

Ainda, cabe comentar a informação do Dossiê da ANTRA de 2022 de que “a cada 48 horas uma travesti ou mulher transexual é assassinada no Brasil, sendo que cerca de 70% das vítimas têm entre 16 e 29 anos, o que contribui para que a expectativa de vida da população trans no Brasil seja a menor do mundo, em torno de apenas 35 anos.” (PÁG. 103).

A título de comparação, em 2022 uma mulher morreu vítima de feminicídio a cada 6h²⁹ (ou seja, estamos falando unicamente de assassinatos por crime de ódio), mas a expectativa de vida de mulheres brasileiras era de 79 anos em 2022³⁰, conforme IBGE.

Já em relação à faixa etária que a ANTRA cita como contendo o maior percentual das vítimas levantadas (16 a 29 anos), o Atlas da Violência do IPEA (ANEXO 14, PÁG. 21), lançado em 2023 com dados de 2021 (ainda não há dados para 2022 no momento da publicação do presente relatório), traz as seguintes constatações:

É um fato global que homens adolescentes e jovens adultos entre 15 e 29 anos são os que mais apresentam risco de serem vítimas de homicídios. Contudo, conforme se concluiu em um relatório sobre os homicídios em todo o planeta realizado pela United Nations Office on Drugs and

Crime (UNODC) em 2019 (UNODC, 2019a), pesa para essa situação mundial o contexto do continente americano, onde os fatores estruturais que causam a mortalidade violenta são os conflitos frutos da ação do crime organizado e das mortes decorrentes do uso de armas de fogo.

Com efeito, no Brasil a violência é a principal causa de morte dos jovens. Em 2021, de cada cem jovens entre 15 e 29 anos que morreram no país por qualquer causa, 49 foram vítimas da violência letal. Dos 47.847 homicídios ocorridos no Brasil em 2021, 50,6% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. (PÁG. 65)

Ou seja, jovens de 15 a 29 anos, independentemente de como se autodeclararam, são a faixa etária que mais apresenta risco de serem vítimas de assassinatos. Não apenas não se trata de algo específico a quem se autodeclara trans mas, de acordo com o Atlas da Violência, “com relação às vítimas travestis e trans, a faixa etária das vítimas em muito se assemelha, com destaque à faixa etária 15 aos 29 anos, que concentra mais de 45% do total de vítimas em todas as categorias.”³¹ Ou seja, pessoas autodeclaradas trans são vitimadas nesta faixa etária de forma muito semelhante à população geral do país, ou até menos.

Um recorte dos dados de homicídios para homens pretos ou pardos assassinados no Brasil nas faixas de 20 a 29 anos e 30 a 39 anos³² deixa ainda mais claro que pessoas do sexo masculino que se autodeclararam trans e que, em sua maioria, são pretas ou pardas, não têm taxas de mortalidade superiores à de seu grupo populacional por conta de sua autodeclaração. Infelizmente, o Brasil é um país extremamente violento.

Ainda no que diz respeito à falsa ideia de que pessoas autodeclaradas trans dificilmente ultrapassam os 35 anos de vida, a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios de 2021 (PAD 2021), realizada pelo governo do Distrito Federal³³, observou que “Dentre transgêneros com mais de 18 anos de idade e que moram na capital nacional, 74,8% possuem mais de 30 anos de vida.”

Só nos cabe concluir que, apesar de o Dossiê da ANTRA trazer frases que falam em “aniquilação da população trans” (PÁG. 19), “tentativa de destruição sistemática de uma população” (PÁG. 33) e outras hipérboles semelhantes, por nenhum dos ângulos observados foi encontrado lastro para tais afirmações. Ainda assim, afirmações como a da expectativa de vida de 35 anos se tornaram inquestionáveis, sob pena de acusações de “transfobia”.

CONCLUSÃO

As afirmações falsas de que "o Brasil é o país que mais mata pessoas trans" e de que "a expectativa de vida de pessoas trans é de 35 anos" foram repetidas de forma tão exaustiva que se tornaram conhecidas até mesmo no exterior, sendo replicadas por órgãos oficiais³⁴ e pela mídia³⁵, se tornando parte do imaginário popular³⁶. No mundo todo, a distorção dos dados por meio de uma narrativa que não encontra embasamento real, sedimentou a ideia de que qualquer pessoa que se autodeclare trans, independentemente de seu sexo, cor, classe social, país, expressão de gênero, eventuais alterações corporais etc., automaticamente se torna parte de um grupo necessariamente mais vulnerável que todos os demais³⁷.

Em realidade, é preciso compreender que “trans” nada mais é do que uma autodeclaração, sem nenhuma consequência imediata na realidade e que as pessoas autodeclaradas trans efetivamente vulneráveis costumam ser as que estão em situação de prostituição, o que se aplica majoritariamente a quem já faz parte da parcela negra e pobre de nossa população. O próprio site *Trans Respect Versus Transphobia* diz que “as vítimas cujas ocupações são conhecidas são, em sua maioria, profissionais do sexo (61%)”, e o Dossiê da ANTRA, com dados de 2022, informa que “em 2022 a maioria daquelas onde foi possível identificar a atividade, pelo menos 54% dos assassinatos foram direcionados contra travestis e mulheres trans que atuam como profissionais do sexo” (sic).

O assassinato de pessoas em situação de prostituição não é um fenômeno que acomete pessoas autodeclaradas trans de forma particular. No Canadá, um estudo sobre a prostituição relatou uma incidência de 36% de tentativa de homicídio. Nos EUA, um estudo descobriu que a taxa de homicídios de mulheres na prostituição era dezoito vezes maior que a da população em geral. Uma análise dos homicídios de mulheres na prostituição de rua no Reino Unido descobriu que elas

eram 60-100 vezes mais propensas a serem assassinadas do que mulheres que não se prostituem ³⁸.

Por isso, nesse caso, não é sequer possível afirmar que a vulnerabilidade se dê por conta do *status* de autodeclaração trans, uma vez que qualquer pessoa prostituída está extremamente vulnerável a violências. Estranhamente, há um forte entrelaçamento entre grupos de interesse transativista e a defesa da regulamentação da exploração sexual de adultos, a despeito das sólidas evidências de que a regulamentação não traz melhores condições de vida para quem se encontra em situação de prostituição e de que o melhor caminho é a criminalização dos compradores de sexo (o chamado Modelo Nórdico³⁹).

As consequências da disseminação de falsas narrativas sobre a população que se autodeclara trans são negativas para a própria comunidade, de diversas formas, incluindo impacto na saúde mental e física:

*“O que estamos fazendo é criar enormes níveis de medo, o que causa altos níveis de estresse, o que na verdade fará com que as pessoas morram mais jovens”, disse Laurel Westbrook, professora de Sociologia e autora de *Unlivable Lives: Violence and Identity in Transgender Activism* (“Vidas Inabitáveis: Violência e Identidade no Ativismo Transgênero”) ao veículo especializado norte-americano *19th News*⁴⁰.*

Tal raciocínio corrobora com o medo expresso por pessoas transidentificadas:

“Desde a minha transição, senti um alvo em minhas costas e um peso nos meus ombros. Eu sabia, claro, que uma grande parte dos assassinatos ocorriam com “trabalhadores do sexo” e mulheres trans negras, mas isso não significava que eu também não estive correndo risco. Eu também havia lido em algum lugar que pessoas trans só viviam mais ou menos por 35 anos até se suicidarem ou serem assassinadas. Eu não planejava mesmo viver muito, mas saber que estava me colocando no caminho de um assassinato em potencial me perseguia como uma nuvem negra.” ⁴¹

Que tais desinformações acerca da situação de pessoas autodeclaradas trans tenham se originado no Brasil deve ser motivo de vergonha nacional, sobretudo dado o papel do governo e da mídia em espalhá-las. A forma como tais afirmações falsas têm sido instrumentalizadas também atenta “contra a democracia e o debate público”, instituições que a CPMI das *fake news*, instalada no Senado em 04/09/2019, tinha por finalidade proteger⁴². Ao alterar majoritariamente via judiciário⁴³ e Conselhos Federais (ANEXO 15) regras e arranjos sociais que deveriam ser debatidos publicamente; impedir com isso que tais temas sejam votados via legislativo, esfera correta para alterações de tal monta; e interditar questionamentos direcionados a qualquer aspecto que seja ligado ao tema “trans”, são ignorados os ritos democráticos declarados caros aos espectros progressistas da política brasileira, incluindo o Partido dos Trabalhadores (PT) e seus aliados.

Diante de todo o exposto e de todas as indagações aqui colocadas, mais uma vez destacamos a importância de nos perguntamos qual o objetivo de organizações transativistas⁴⁴, mídia e governo continuarem repetindo uma narrativa que é demonstravelmente falsa, nefasta para o bem-estar de pessoas autodeclaradas trans, especialmente as mais jovens, além de funcionar como instrumento anti-democrático.

Reforçamos que é inaceitável que dados falsos continuem a ser replicados de forma irresponsável pela mídia⁴⁵, pelo governo⁴⁶, pelo judiciário⁴⁷, pelo legislativo⁴⁸, pelo ministério público⁴⁹ e pelas universidades⁵⁰, passando a serem considerados verdades inquestionáveis, muitas vezes sob pena de acusação de “transfobia”, por sua simples repetição.

A desconstrução destas narrativas falsas é um primeiro passo essencial para voltar a garantir um espaço de debate democrático sobre o tema, sem o recurso a dados inverossímeis que geram culpa e medo na população – sentimentos contrários a uma plena democracia.

NOTAS DE RODAPÉ

Todos os links foram salvos em 28/01/2024 no site web archive (<https://archive.org/web/>) para consulta futura, caso algum deles venha a não funcionar.

¹ O link mencionado na nota de rodapé do voto, <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especialcidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>, não se encontra mais em funcionamento e nem foi possível encontrar uma versão armazenada no site internet archive.

² Ver: VIEIRA, Eli. As estatísticas sobre trans no Brasil são pura narrativa. **Gazeta do Povo**, 02 fev. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/estatisticas-sobre-trans-no-brasil>. Acesso em: 27/01/2024; IBGE e estudioso negam ter afirmado que trans vivem até 35 anos. **Guia Gay de São Paulo**, 14 fev. 2021. Disponível em: <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/ibge-e-estudioso-negam-ter-afirmado-que-trans-vivem-ate-35-anos>. Acesso em 27/01/2024; MENEZES, Luis Fernando. O que é fato no que diz Manuela D'Ávila — de assassinatos de trans a investimento estatal. **Aos fatos**, 05 fev. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/o-que-e-fato-no-que-diz-manuela-davila-de-assassinatos-de-trans-investimento-estatal/>. Acesso em 27/01/2024; e RUDNITZKI, Ethel. Dados sobre assassinato de LGBTs são incompletos. **Publica**, 29 ago. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/checagem/2018/08/truco-dados-sobre-assassinato-de-lgbts-sao-incompletos/>. Acesso em 27/01/2024.

³ O fenômeno está claramente descrito em: RANDALL, Eric. How a Raccoon became an Aardvark. **The New Yorker**, 19 maio 2014. Disponível em: <https://www.newyorker.com/tech/annals-of-technology/how-a-raccoon-became-an-aardvark>. Acesso em 27/01/2024; DROGIN, Bob & HAMBURGER, Tom. Niger Uranium Rumors Wouldn't Die. **Los Angeles Times**, 17 fev. 2006. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2006-feb-17-na-niger17-story.html>. Acesso em 27/01/2024.

⁴ Ver: <https://transrespect.org/en/trans-murder-monitoring/tmm-resources>. Acesso em: 27/01/2024.

⁵ Id., notícia constante na pág. 95: Travesti é morta a tijoladas em Cabo Frio. **Serra News**, 1 fev. 2022. Disponível em: <https://www.serranews.rj.com.br/2022/02/travesti-e-morta-a-tijoladas-em-cabo-frio.html>. Acesso em 27/01/2024.

⁶ REVIRAVOLTA / IML identifica corpo de vítima morta a tijoladas em Cabo Frio. **RC24h**, 03 fev. 2022. Disponível em: https://web.archive.org/web/20240123184350/https://rc24h.com.br/reviravolta-impl-identifica-corpo-de-vitima-morta-a-tijoladas-em-cabo-frio/#google_vignette. Acesso em 27/01/2024.

⁷ Ver: https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/?submap=t-mm_2022. Acesso em: 27/01/2024.

⁸ Segundo dados do Banco Mundial. Ver: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=MX>. Acesso em: 27/01/2024.

⁹ Id., tabela 2022/2023. PÁG. 26: SUÊNIO, Bruno & GOMMES, Wanessa. Travesti foi espancada pelo companheiro dias antes de ser morta, diz DHPP. **GP1 Piauí**, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gp1.com.br/pi/piaui/noticia/2022/11/8/travesti-foi-espancada-pelo-companheiro-dias-antes-de-ser-morta-diz-dhpp-537598.html>. Acesso em 27/01/2024. PÁG. 46: C MARA, José. Mulher trans é morta a pauladas pelo companheiro em Campo Grande. **Jornal do Estado Mato Grosso do Sul**, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://jornaldoestadoms.com.br/noticia/19923-mulher-trans-e-morta-a-pauladas-pelo-companheiro-em-campo-grande>. Acesso em 27/01/2024. PÁG. 64: CHUVA, Ana Paula. Mulher trans morre horas após ser esfaqueada e companheiro é suspeito. **Campo Grande News**, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/travesti-de-22-anos-morre-horas-apos-ser-esfaqueada-companheiro-e-suspeito>. Acesso em 27/01/2024.

¹⁰ Id., tabela 2022/2023. PÁG. 69: Mulher trans é morta a paulada e principal suspeito é o irmão dela. **IG Queer**, 20 dez. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-12-20/mulher-trans-morta-suspeito-irmao-parana.html>. Acesso em 27/01/2024.

¹¹ Id., tabela 2022/2023, PÁG. 5: a matéria menciona as hipóteses de execução pelo tráfico de drogas ou briga entre vizinhos, tendo sido o casal assassinado e não apenas a pessoa autodeclarada trans: Casal é morto a tiros em Salvador e família acha que crime está ligado a briga por “saco de lixo”. **BNews**, 07 out. 2022. Disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/policia/casal-e-morto-tiros-em-salvador-e-familia-acha-que-crime-esta-ligado-briga-por-saco-de-lixo.html>. Acesso em 27/01/2024. PÁG. 52: Transexual é morta a facadas em Jaciara. **Primeira Hora**, 28 nov. 2022. Disponível em: <https://primeirahora.com.br/transexual-e-morta-a-facadas-em-jaciara/>. Acesso em 27/01/2024.

¹² Id., tabela 2022/2023, PÁG. 35: Dois homens são presos por suspeita de matar mulher trans após raptá-la de salão de beleza. **Sobral Online**, 31 mar. 2022. Disponível

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

em: <https://sobralonline.com.br/doi-homens-sao-presos-por-suspeita-de-matar-mulher-trans-apos-rapta-la-de-salao-de-beleza/>. Acesso em 27/01/2024.

¹³ RITCHIE, Verity. *TDOR: Trans death and trans life*. **Queer Majority**, 16 nov. 2020, atualizado em 15 set. 2023. Versão original disponível em: <https://web.archive.org/web/20201118034022/https://www.queermajority.com/currents/tdor-trans-death-and-trans-life>. Acesso em: 27/01/2024.

¹⁴ <https://antrabrazil.org/>

¹⁵ <https://antrabrazil.org/assassinatos/>

¹⁶ BENEVIDES, Bruna G. O paradoxo entre o pornô e o assassinato de pessoas trans no Brasil. Página pessoal na rede Medium, 15 set. 2025. Disponível em: <https://brunabenevidex.medium.com/o-paradoxo-entre-o-porn%C3%B4-e-o-assassinato-de-pessoas-trans-no-brasil-ea86ce786a51>. Acesso em 27/01/2024.

¹⁷ A resistência trans no país que mais mata travestis e transexuais. Portal Catarinas, 29 jan. 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/a-resistencia-trans-no-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais/>

¹⁸ <https://www.nature.com/articles/s41598-021-81411-4>. Acesso em 27/01/2024.

¹⁹ 2% da população indicada pelo Censo 2022 - <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>

²⁰ IBGE e estudioso negam ter afirmado que trans vivem até 35 anos. Guia Gay de São Paulo, 14 fev. 2021. Disponível em: <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/ibge-e-estudioso-negam-ter-afirmado-que-trans-vivem-ate-35-anos>. Acesso em 27/01/2024.

²¹ Ver: <https://youtu.be/sw47kAcWuhI?si=RRCXOfwtkY1NF4oM>. Acesso em: 27/01/24.

²² Ver: https://www.instagram.com/reel/CuFYPXqJTFd/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D. Acesso em: 27/01/24.

²³ Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18292401619117764/>. Acesso em: 27/01/24.

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

²⁴ Versão em português do artigo publicado em AIKEN, Kaith & WAINWRIGHT, Sally. Women's Rights, Genders Wrongs (2013). Women's Declaration International. A expectativa de vida de 35 anos. WDI Brasil, 14 out. 2023. Disponível em: <https://wdibrasil.com/2023/10/a-expectativa-de-vida-de-35-anos/>. Acesso em 27/01/2024.

²⁵ https://www.oas.org/en/iachr/media_center/PReleases/2015/137.asp

²⁶ Breves explicações em: Em 2022, expectativa de vida era de 75,5 anos. Agência IBGE notícias, 29 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em 27/01/2024; DataSUS, Ministério da Saúde: <http://tabnet.datasus.gov.br/tabdata/livroidb/1ed/a11.pdf>. Acesso em 27/01/2024.

²⁷ Cf. Art. 14 de Resolução do Conselho Nacional de Justiça que afirma que “As diretrizes e os procedimentos previstos nesta Resolução se aplicam a todas as pessoas que se autodeclarem parte da população LGBTI, ressaltando-se que a identificação pode ou não ser exclusiva, bem como variar ao longo do tempo e espaço.” <https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/3519Art>

²⁸ O Ministério Público Federal (MPF) ajuizou ação com pedido de tutela de urgência para que a União unifique o campo “nome” – sem distinção entre o nome social e o nome de registro civil –, e exclua o campo “sexo” nos cadastros da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, o que obviamente é mais um impeditivo para a geração de estatísticas sobre esta população: MPF aciona Justiça para assegurar direito de pessoas trans ao nome social em documentos e cadastros do Governo Federal. **Site oficial do MPF**, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/ac/sala-de-imprensa/noticias-ac/mpf-aciona-justica-para-assegurar-direito-de-pessoas-trans-ao-nome-social-em-documentos-e-cadastros-do-governo-federal>. Acesso em 27/01/2024.

²⁹ VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina & FARIAS, Victor. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **G1**, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em 27/01/2024.

³⁰ SANTOS, Emily. Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,5 anos após queda na pandemia, mas é menor do que projeção inicial do IBGE. **G1**, 29 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/11/29/expectativa-de-vida-do-bra>

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

[sileiro-diminui-em-novo-calculo-do-ibge-que-considera-pandemia-e-censo-2022.ghml](#). Acesso em 27/01/2024.

³¹ Na PÁG. 64, o Atlas cita “o levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais”, mas chega a número bem diferente dos “70% das vítimas têm entre 16 e 29 anos” do Dossiê da ANTRA.

³² Fonte Datasus, Sistema sobre Mortalidade - Das mortes violentas de homens em 2022, 38% estão na faixa de 20 a 29 anos. Enquanto 24% estão na faixa de 30 a 39 anos. Destes, 56% são pretos ou pardos. Disponível em <https://datasus.saude.gov.br/mortalidade-desde-1996-pela-cid-10> (busca por CID 10, homem, 2022). Acesso em 27/01/2024.

³³ 74,8% dos indivíduos trans no DF têm mais de 30 anos de idade. **Guia Gay Brasília**, 24 jul. 2023. Disponível em: <https://www.guiagaybrasil.com.br/noticias/cidadania/74-8--dos-individuos-trans-no-df-tem-mais-de-30-anos-de-idade>. Acesso em 27/01/2024.

³⁴ First United Nations Expert on Sexual Orientation Presents Inaugural Human Rights Report to Third Committee, as Others Tackle Justice, Environment Concerns. Site oficial da **Organização das Nações Unidas**, 25 out. 2018. Disponível em: <https://press.un.org/en/2018/gashc4243.doc.htm>. Acesso em 27/01/2024.

³⁵ Coincidentemente, só foi possível encontrar referências à afirmação sobre expectativa de vida de 35 anos em artigos a partir de 2013. **REINO UNIDO** (artigo pelo Relator Especial da ONU sobre orientação sexual e “identidade de gênero”): MADRIGAL-BORLOZ, Victor. The Australian media's portrayal of trans people is a betrayal of their human rights. **The Guardian**, 10 nov 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/nov/10/the-australian-medias-portrayal-of-trans-people-is-a-betrayal-of-their-human-rights>. Acesso em 27/01/2024.

EUA: GARZA, Alicia. Trans women don't want your sympathy. They want to be treated as human beings. **Marie Claire**, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.marieclaire.com/politics/a28169056/black-trans-women-murdered/>. Acesso em 27/01/2024. VINCENT, Addison Rose. State of emergency continues for trans women of color. **Huffpost**, 13 ago. 2015. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/the-state-of-emergency-co_b_7981580. Acesso em 27/01/2024; PRESTON, Ashlee Marie. I'm a Black Trans Woman, and Celebrating My 36th Birthday Felt Like a Milestone. **Glamour**, 22 jun. 2022. Disponível em: <https://www.glamour.com/story/as-a-bla>

ck-trans-woman-celebrating-my-36th-birthday-felt-like-a-milestone. Acesso em 27/01/2024. LIVERS, Michael K. Report: 594 LGBT people murdered in Americas during 15-month period. *Blade*, **America's LGBT News Source**, 20 dez. 2014. Disponível em: <https://www.washingtonblade.com/2014/12/20/report-594-lgbt-people-murdered-americas-15-month-period/>. Acesso em 27/01/2024.

FRANÇA: Deux femmes transgenres entrent au Parlement mexicain pour la première fois. *Libération*, 30 jun. 2021. Disponível em: https://www.liberation.fr/international/amerique/deux-femmes-transgenres-entrent-au-parlement-mexicain-pour-la-premiere-fois-20210630_PWXMN2L7JVHCXJHSS4MYF5AIF4/. Acesso em 27/01/2024.

PORTUGAL: CORREIA, Thiago. “É difícil imaginar-me daqui a algum tempo porque a esperança de vida de uma pessoa trans é de 35 anos”. *Minho*, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://ominho.pt/e-dificil-me-imaginar-daqui-a-algum-tempo-a-esperanca-de-vida-de-um-trans-e-de-35-anos/>. Acesso em 27/01/2024.

Argentina: SÁNCHEZ, Gabriela N. La esperanza de vida de la población trans es de 35 años. *Los Andes 140*, 23 set. 20219. Disponível em: <https://www.losandes.com.ar/excluida-la-esperanza-de-vida-de-la-poblacion-trans-es-de-35-anos/>. Acesso em 27/01/2024.

COLOMBIA: CAÑON, Jeisson. Mujeres y hombres en transición de género: una alerta por atención en salud. *Radio Nacional de Colombia*, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.radionacional.co/actualidad/mujeres-y-hombres-trans-en-colombia-panorama-de-la-atencion-en-salud>. Acesso em 27/01/2024.

³⁶ Kathleen Stock contextualiza sobre o cenário do Reino Unido: “Esse contexto complexo não é transmitido pelos que promovem celebrações do TDOR [Trans Day of Remembrance] nas instituições do Reino Unido. Em vez disso, os assassinatos são apresentados como produto de uma única causa: "transfobia". Que ninguém me entenda mal: a alta suscetibilidade das pessoas no comércio sexual à morte e à violência (assim como à pobreza e ao abuso de drogas) é um fato horrível ao qual qualquer sociedade deve prestar atenção solidária urgente. Mas usar o assassinato de prostitutas trans no exterior para marcar pontos na política britânica, ainda por cima promovendo um esvaziamento retórico amorfo no qual todas as mortes são tratadas da mesma forma, explicadas vagamente como resultado de transfobia, significa o oposto de prestar atenção no quadro geral. E as vítimas merecem mais do que serem instrumentalizadas numa argumentação política simplista. Quando olhamos para a taxa de homicídios de pessoas trans no Reino Unido ao longo de uma década, encontramos a média de cerca de um por ano como valor absoluto. Nenhuma pessoa trans foi assassinada no Reino Unido nos últimos dois anos. De modo geral, cerca de 1 a cada 100.000 pessoas são assassinadas em média no Reino Unido todos os anos. Tal como indicado na introdução, de acordo com Stonewall, a

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

"melhor estimativa" do número de pessoas trans no Reino Unido é cerca de 600.000 pessoas trans e não binárias na Grã-Bretanha, em uma população de mais de 60 milhões. Se estiver correto, isso significa que taxa de homicídios de pessoas trans é menor do que a da população geral como um todo. Não preciso dizer que, muito provavelmente, você jamais receberia uma mensagem como essa ao comparecer a um evento do TDOR no Reino Unido." Ver: STOCK, Kathleen. *Material Girls: Por que a realidade importa para o feminismo*. São Paulo: **Cassandra** (2023), p. 233.

³⁷ Para uma pequena amostra da variedade de pessoas que hoje se autodeclaram trans, recomendamos toda a série "TransFormAção", na qual a UFSCAR apresenta seus alunos autodeclarados trans: <https://www.instagram.com/p/CpVgmEugQGi/>

³⁸ FARLEY, Melissa. Making the connections: resource extraction, prostitution, poverty, climate change, and human rights. **The International Journal of Human Rights**, [online], vol. 26, número 6, p. 1032-1055, 16 nov. 2021. DOI: 10.1080/13642987.2021.1997999. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13642987.2021.1997999>. Acesso em: 25/06/2023.

³⁹ O Parlamento Europeu aprovou uma Resolução, em setembro de 2023, a favor da adoção do Modelo Nórdico (https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-9-2023-0328_EN.html)

⁴⁰ SOSIN, Kate. For years, Black trans women have been told their life expectancy is 35 years. That's false. The 19th, 17 ago. 2022. Disponível em: <https://19thnews.org/2022/08/black-trans-women-life-expectancy-false/>. Acesso em 27/01/2024.

⁴¹ RITCHIE, Verity. TDOR: Trans death and trans life. **Queer Majority**, 16 nov. 2020, atualizado em 15 set. 2023. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20201118034022/https://www.queermajority.com/currents/tdor-trans-death-and-trans-life>. Acesso em: 27/01/2024.

⁴² <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>

⁴³ Além da já citada ADO 26, exemplo de outra decisão via STF (<https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/stf/768143102>) bem como outros do STJ (<https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Sexta-Turma-estendeu-protecao-da-Lei-Maria-da-Penha-para-mulheres-trans.aspx>) e decisões judiciais diversas (<https://www.conjur.com.br/2023-fev-02/lanchonete-indenizar-mulher-trans-impedida-usar-banheiro-feminino/>)

FALSAS AFIRMAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO AUTODECLARADA TRANS NO BRASIL

⁴⁴ Um documento interessante para lançar luz sobre a questão é o “Only Adults? Good practices in legal gender recognition for youth”, preparado pela Dentons, maior firma de advocacia do mundo, para grupo transativista. O document não consta mais do site da firma mas ainda pode ser lido no ANEXO 16. De especial interesse para o presente debate, a orientação sobre controle de narrativa e evitar “o tipo errado de atenção”.

⁴⁵ MAIA, Dhiego. SP terá levantamento para saber quantas são e como vivem as pessoas trans. **Folha de São Paulo**, 11 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/sp-tera-levantamento-para-saber-quantas-sao-e-como-vivem-as-pessoas-trans.shtml>. Acesso em 27/01/2027; Brasil lidera mortes de pessoas trans. UOL, 27 jan. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/01/27/brasil-lidera-ranking-de-mortes-de-pessoas-trans.htm>. Acesso em 27/01/2024.

⁴⁶ C., J. MDHC lança campanha alusiva aos 20 anos da visibilidade trans. Página oficial do **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**, 22 jan 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/janeiro/mdhc-lanca-campanha-alusiva-aos-20-anos-do-mes-da-visibilidade-trans>. Acesso em 27/01/2024.

⁴⁷ A Visibilidade Trans na Defensoria Pública do Estado. Site oficial da **Defensoria Pública do Estado do Paraná**, 26 jan 2018. Disponível em: <https://www.defensoriapublica.pr.def.br/Noticia/Visibilidade-Trans-na-Defensoria-Publica-do-Estado>. Acesso em 27/01/2024.

⁴⁸ Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional. Site oficial do **Senado Federal**, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/comum/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>. Acesso em 27/01/2024.

⁴⁹ MPF pede dano moral coletivo à União por anunciar e não prever cota para pessoas trans em concurso para auditor-fiscal do trabalho. Site oficial do **Ministério Público Federal**, 24 jan. 2024. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/ac/sala-de-imprensa/noticias-ac/mpf-pede-dano-moral-coletivo-a-uniao-por-anunciar-e-nao-prever-cota-para-pessoas-trans-em-concurso-para-auditor-fiscal-do-trabalho>. Acesso em 27/01/2024; MP denuncia dono de academia que proibiu mulher trans de usar o banheiro feminino: 'ainda tenho sequelas'. **G1 Santos**, 13 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2023/09/13/mp-denuncia-dono-de-academia-que-proibiu-mulher-trans-de-usar-o-banheiro-feminino-ainda-tenho-sequelas-video.ghtml>. Acesso em 27/01/2024.

⁵⁰ Mercado de trabalho impõe barreiras à população trans. Site oficial da **Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/quais-sao-as-chances-da-populacao-trans-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em 27/01/2024; LOURENÇO, Tainá. Além da discriminação e violência, população trans sobrevive aos transtornos psicológicos. **Jornal da USP** (Universidade de São Paulo), 21 mar. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/alem-da-discriminacao-e-violencia-populacao-trans-sobrevive-aos-transtornos-psicologicos/>. Acesso em 27/01/2024; Visibilidade Trans: TRANSitando em territórios... Conquistando Espaços!. Site oficial da **Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://diversifica.ufsc.br/2022/01/28/visibilidade-trans-transitando-em-territorios-conquistando-espacos/>. Acesso em 27/01/2024.

ANEXOS

Todos os links dos Anexos foram acessados em 27/01/2024 e há uma cópia de segurança de cada documento no site da MATRIA, a fim de garantir sua disponibilidade.



<https://www.associacaomatria.com/desmentindofakenews>

@matria_mulheresassociadas

